

POETAS ESQUECIDOS

OSCAR LOPES

Dos poetas ccarenses cujos nomes se encontram esquecidos, dentre muitos, avulta o de Oscar Lopes, grande figura das letras brasileiras, com atuação decisiva no panorama intelectual dos tempos idos.

Filho de antigo parlamentar e vigoroso jornalista João Lopes Ferreira Filho, e de sua espôsa d. Maria de Souza Ferreira Lopes, (Menininha), uma das senhoras de maior realce do seu tempo, Oscar Amadeu Ferreira Lopes nasceu em Fortaleza no dia 31 de dezembro de 1882, à rua General Sampaio, entre as ruas Guilherme Rocha e São Paulo, no prédio atualmente ocupado pela firma Ângelo Figueredo.

Iniciou aqui os estudos primários, posteriormente concluídos no Rio de Janeiro, por haver sua família se transferido para ali. Terminado o curso de humanidades, ingressou na Faculdade de Direito da antiga metrópole, recebendo o grau de Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, sem que jamais exercesse a magistratura ou desempenhasse funções advocaciais.

Dotado de inteligência superior, de forte imaginação e de raro dinamismo, dedicou suas melhores atividades às lições da imprensa, como redator dos jornais «Gazeta de Notícias» e «Brasil», sendo que, no último, orientava a secção literária e artística.

Além de sua vocação inata para as lutas do jornalismo, Oscar Lopes era poeta, contista, teatrólogo e conferencista de elevado mérito, havendo conquistado os aplausos e louvores das figuras exponenciais que pontificaram na antiga Capital da República, tais como: Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Emílio de Menezes, Martins Fontes, Augusto de Lima, Luís Murat, Goulart de Andrade, Leal de Souza e diversos outros, hoje rebrilhando no seio da imortalidade.

Como prosador harmonioso e correto, publicou «Livro Truncado» (1912), «Sêres e Sombras» (1920), «Maria Sidney» (sem data), e «Três Conferências» (1912), todos recebidos com expressões de entusiasmo pela crítica independente e sensata.

Como poeta dotado de fina sensibilidade e fecunda inspiração, tornou-se cantor das cousas nobres e belas da vida, cinzelando versos de acôrdo com a escola parnasiana, refer-tos de beleza e suavidade, os quais, nas suas linhas gerais, re-velam inteligência arguta e rara emotividade.

Vasta cópia de suas produções poéticas foram enfei-xadas no único livro de poemas que teve ensejo de editar, «Medalhas e Legendas» (1906), o qual representa relicário dos mais valiosos e encantadores que surgiram então dos prelos nacionais, constituindo, atualmente, raridade bibliográfica.

Ao lado de Olavo Bilac e de vários companheiros de ideal e de sonho, Oscar Lopes fundou a «Sociedade dos Homens de Letras do Brasil», mantida durante muitos anos, sendo que seus principais componentes eram expressões de relêvo das letras.

Oscar Lopes, como um dos expoentes da literatura bra-sileira, em dias que distantes vão, encobertos pela névoa da distância, salientou-se como jornalista primoroso, contista (mérito e poeta dos mais delicados, pelo que o seu nome mere-ce ser recordado pelos que vivem sob os céus translúcidos da terra de José de Alencar e Farias Brito, de Clóvis Beviláqua e Gustavo Barroso, de José Albano e Juvenal Galeno, em cujo âmbito descerrou os olhos à luz do mundo, tendo falecido a 1.º de outubro de 1938, no Rio de Janeiro, após existência lu-minosa e trepidante, mas cujo ocaso foi dos mais tristes e som-brios.

CARLYLE MARTINS